



CONSOLIDAÇÃO DE SABERES GEOGRÁFICOS: UM COMPROMISSO DA AUTOAVALIAÇÃO

Ariana Lucas Moraes¹

RESUMO

O artigo presente objetiva abordar a importância crucial da autoavaliação no processo de consolidação e aprimoramento dos conhecimentos geográficos. Dessa forma, explora o contexto educacional, ao destacar como a prática da autoavaliação pode servir como um instrumento valioso para os discentes no desenvolvimento de competências geográficas mais sólidas. Defende-se que, ao examinar a relação entre autoavaliação e aquisição de conhecimentos geográficos, são evidenciadas estratégias eficazes para a implementação dessa prática no ensino de Geografia. Assim, destaca-se a autoavaliação como um mecanismo capaz de estimular a reflexão crítica, a identificação de lacunas no aprendizado e a promoção da autonomia dos estudantes na construção de seu conhecimento junto à disciplina de Geografia. Portanto, ao encorajar os estudantes a avaliarem seus próprios progressos e identificarem estratégias de aprendizado mais eficazes, a autoavaliação emerge como um compromisso essencial para a consolidação e aprimoramento contínuo dos saberes geográficos.

Palavras-chave: Autoavaliação; Conhecimentos Discentes; Geografia.

ABSTRACT

This article aims to address the crucial importance of self-assessment in the process of consolidation and improvement of geographic knowledge. In this way, it explores the educational context, highlighting how the practice of self-assessment can serve as a valuable tool for students in the development of more solid geographic skills. It is argued that, by examining the relationship between self-assessment and acquisition of geographic knowledge, effective strategies for the implementation of this practice in the teaching of Geography are evidenced. Thus, self-assessment is highlighted as a mechanism capable of stimulating critical reflection, the identification of gaps in learning and the promotion of students' autonomy in the construction of their knowledge in the discipline of Geography. Therefore, by encouraging students to evaluate their own progress and identify more effective learning strategies, self-assessment emerges as an essential commitment to the consolidation and continuous improvement of geographic knowledge.

Keywords: Self-assessment; Student Knowledge; Geography.

¹ Graduada em Licenciatura em Geografia, pela Universidade do Estado do Amazonas -(UEA), Pós - Graduação "Lato Sensu" em Gestão Ambiental, pela Faculdade de Educação da Serra e Mestre em em Ciências da Educação pela Universidad Interamericana. Professora da rede pública de ensino pela Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas - SEDUC - Amazonas.



“Para vencer, deve conhecer perfeitamente a terra (a geografia, o terreno) e os homens (tanto a si mesmo quanto o inimigo). O resto é uma questão de cálculo. Eis a arte da guerra.”

(Sun Tzu)

INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece diretrizes fundamentais para a Educação Básica no Brasil, delineando objetivos de aprendizagem essenciais e promovendo a integração de competências e habilidades em diferentes disciplinas, incluindo a Geografia. Nesse contexto, a avaliação e, em especial, a prática da autoavaliação emergem como elementos-chave na consolidação dos conhecimentos geográficos e no desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas dos estudantes.

Este artigo propõe uma análise aprofundada das relações entre os conhecimentos geográficos, a prática avaliativa e a inserção da autoavaliação como um instrumento pedagógico significativo, alinhado aos preceitos da BNCC. Dessa forma, objetiva principalmente abordar a importância crucial da autoavaliação no processo de consolidação e aprimoramento dos conhecimentos geográficos. Partindo da premissa de que a avaliação vai além da mensuração de conteúdos, mas também implica na promoção do desenvolvimento integral dos estudantes, busca-se explorar como a autoavaliação pode potencializar a construção dos saberes geográficos de forma mais autônoma e reflexiva.

Ao longo deste estudo, serão discutidos não apenas os princípios e objetivos da BNCC no que diz respeito à Geografia, mas também o papel da avaliação como ferramenta pedagógica e a importância da autoavaliação como um meio de engajamento ativo dos alunos em sua própria aprendizagem. Além disso, serão exploradas práticas, métodos e estratégias que promovem a autonomia do estudante na avaliação e no aprimoramento de seus conhecimentos geográficos, considerando as diretrizes estabelecidas pela BNCC.

Buscaremos, assim, evidenciar como a autoavaliação pode ser um mecanismo valioso para a consolidação dos saberes geográficos, fomentando não apenas a compreensão dos conteúdos, mas também o desenvolvimento de



habilidades metacognitivas e a formação de estudantes mais autônomos, críticos e engajados com a aprendizagem geográfica.

PRINCÍPIOS E OBJETIVOS DA BNCC NO QUE DIZ RESPEITO À GEOGRAFIA

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um marco no cenário educacional brasileiro, estabelecendo parâmetros e diretrizes para a organização dos conteúdos e competências essenciais a serem desenvolvidos ao longo da Educação Básica. A proposta enuncia em sua apresentação que:

Com ela, redes de ensino e instituições escolares públicas e particulares passam a ter uma referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação de seus currículos e propostas pedagógicas. Essa referência é o ponto ao qual se quer chegar em cada etapa da Educação Básica, enquanto os currículos traçam o caminho até lá (BRASIL, 2018 p. 5).

No contexto específico da disciplina de Geografia, a BNCC delinea princípios e objetivos que norteiam o ensino e a aprendizagem, visando à formação integral dos estudantes e à compreensão do mundo geográfico em sua complexidade. Assim, no documento, a disciplina de Geografia é abordada como uma área fundamental para a formação integral dos estudantes ao longo da Educação Básica, contemplando princípios, competências e habilidades que visam desenvolver uma compreensão ampla e crítica do mundo em sua dimensão espacial e socioambiental, destacando a importância de compreender as relações entre sociedade e ambiente, as questões de sustentabilidade e os desafios relacionados ao uso e ocupação do território a fim de “[...] superar a fragmentação das políticas educacionais” (BRASIL, 2018, p. 8).

Um dos princípios fundamentais da BNCC na Geografia é a promoção da interdisciplinaridade e contextualização dos conhecimentos. A disciplina busca estabelecer conexões entre os conteúdos geográficos e outras áreas do conhecimento, ampliando a compreensão dos estudantes sobre as dinâmicas socioespaciais, ambientais, culturais e econômicas, pois promove a formação de cidadãos conscientes e críticos, capazes de compreender os desafios socioespaciais, ambientais e culturais e contribuir para a construção de uma sociedade



mais justa e sustentável como uma “[...] forma combinada de paisagem, território e do espaço” (MOREIRA, 2013, p. 116).

A BNCC enfatiza a compreensão do espaço geográfico como um dos pilares centrais da disciplina. Isso implica na análise e interpretação das relações entre sociedade e natureza, processos de globalização, transformações territoriais, diversidades culturais e impactos ambientais, visando à formação de cidadãos críticos e conscientes das complexidades do mundo em que vivem.

Sobre isso, Moreira (2013) argumenta que:

A geografia é uma forma de leitura do mundo, a educação escolar é um processo no qual o professor e seu aluno se relacionam com o mundo através das relações que travam entre si na escola e das ideias (MOREIRA, 2013, p. 105).

O componente curricular Geografia na BNCC busca uma formação mais integrada, contextualizada e crítica, visando preparar os estudantes para compreenderem o mundo em sua diversidade, complexidade e inter-relações espaciais e socioambientais. Dessa forma, a BNCC propõe o desenvolvimento de competências e habilidades específicas na disciplina de Geografia. Isso inclui a capacidade de interpretar mapas, gráficos e dados geográficos, analisar e compreender fenômenos socioambientais, identificar problemas territoriais e propor soluções sustentáveis para questões geográficas.

De modo alinhado, Cavalcanti (2013) argumenta que:

[...] reafirma-se a convicção de que a tarefa do ensino de geografia é de ajudar os alunos a desenvolver o olhar geográfico sobre a cidade, seja sobre outras espacialidades, aprendendo a construir explicações para a espacialidade que é vista empiricamente, que é vivida cotidianamente por eles. Os conceitos geográficos, que perpassam os conteúdos escolares que se veiculam a geografia, são instrumentos para compor esse olhar (CAVALCANTI, 2013, p. 89).

A BNCC na Geografia destaca a importância da Educação para a Sustentabilidade e Cidadania. Busca-se formar estudantes conscientes de sua responsabilidade socioambiental, capazes de agir de forma ética e comprometida com a preservação do meio ambiente e com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.



Assim, apesar dos avanços, a implementação efetiva dos princípios e objetivos da BNCC na Geografia enfrenta desafios como a formação docente, a adequação de materiais didáticos, a articulação curricular e a promoção de práticas pedagógicas alinhadas com os preceitos da Base.

O PAPEL DA AVALIAÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA

A avaliação é um componente central do processo educativo, indo além da simples mensuração de conhecimentos para se tornar uma ferramenta pedagógica fundamental. Assim, destaca-se a avaliação como um processo contínuo e formativo, cujo objetivo principal é fornecer informações relevantes para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem. A ênfase recai sobre a retroalimentação, identificação de lacunas de aprendizagem e promoção de estratégias pedagógicas mais eficazes (AZEVEDO, 2007).

Para André (1990), explora-se a variedade de métodos e instrumentos avaliativos disponíveis, indo além das avaliações tradicionais de provas e testes. Enfatiza-se a importância de estratégias diversificadas, como projetos, portfólios, observação participante, autoavaliação e avaliação entre pares, que proporcionam uma visão mais abrangente e contextualizada do desenvolvimento dos estudantes.

Para Esteban, Garcia e Barriga (2022), a avaliação é abordada como um feedback construtivo, não apenas para os alunos, mas também para os professores. Destaca-se sua função no direcionamento de práticas pedagógicas, adaptação de estratégias de ensino e identificação de necessidades individuais de aprendizagem.

Assim, explora-se o impacto positivo da avaliação bem conduzida na aprendizagem dos estudantes, ressaltando a relação entre feedback construtivo, engajamento dos alunos e melhoria no desempenho acadêmico. Discute-se os desafios enfrentados na implementação de práticas avaliativas eficazes, tais como a superação da cultura da avaliação somativa, a adequação dos métodos ao contexto educacional e a formação docente. No entanto, também são destacadas as oportunidades de transformação que uma avaliação mais formativa e inclusiva pode trazer para a educação.



Estreitando a discussão, a avaliação no contexto das aulas de Geografia é um elemento fundamental para o processo educativo, pois vai além de mensurar conhecimentos, tornando-se uma ferramenta pedagógica essencial para compreender o desenvolvimento dos estudantes em relação aos saberes geográficos.

Sobre esta interface, Cavalcanti (2014) argumenta:

Se a geografia é entendida como uma maneira de olhar o mundo, pode-se tomar a metáfora da viagem e afirmar que a geografia é uma viagem e que todos os que aprendem podem fazer viagem, podem ser viajantes. Assim, aqueles que se apropriam da geografia, no caso, os alunos podem realizar esta “viagem geográfica”. Ela nos leva a outros lugares e, na qualidade de disciplina escolar, ela tem o sentido de, com a ajuda do professor, como seu guia, tem o papel de ajudar ao aluno a se interrogar sobre os diferentes lugares que existem, para buscar com esse conhecimento uma maior compreensão do mundo, e assim conseguir uma maior apreensão de si mesmo – buscando superar contradições entre o eu interior e o exterior, em interação constante com a natureza e sociedade (CAVALCANTI, 2014, p. 90).

Destaca-se a importância da avaliação como um processo contínuo e formativo, indo ao encontro dos princípios da BNCC. Ressalta-se a necessidade de práticas avaliativas que permitam a análise do processo de construção do conhecimento geográfico dos estudantes, focando não apenas nos resultados finais, mas no percurso e nas estratégias de aprendizagem.

A BNCC defende a ideia de “[...] superar a aprendizagem com base apenas na descrição de informações e fatos do dia a dia, cujo significado restringe-se apenas ao contexto imediato da vida dos sujeitos” (BRASIL, 2018, p. 313). Frente a isso, explora-se a diversidade de instrumentos avaliativos aplicáveis às aulas de Geografia, tais como a análise de mapas mentais, interpretação de gráficos e mapas, produção de textos reflexivos, debates sobre problemas geográficos e atividades práticas de campo. Enfatiza-se a importância de utilizar métodos que englobem diferentes habilidades cognitivas e competências geográficas.

Por essas razões, seguindo Oliveira (2012), aborda-se a avaliação como uma ferramenta para integrar saberes geográficos a outras disciplinas, promovendo a interdisciplinaridade. Destaca-se o potencial da avaliação na



contextualização dos conhecimentos, conectando a Geografia com outras áreas do conhecimento e com questões do cotidiano dos estudantes.

Portanto, discute-se os desafios enfrentados na avaliação em Geografia, como a necessidade de superar uma abordagem meramente quantitativa, a adequação dos instrumentos avaliativos ao ensino remoto e a busca por práticas avaliativas inclusivas e diversificadas. Dessa forma, explora-se o potencial da avaliação para impulsionar uma Geografia mais reflexiva e inovadora, evidenciando o papel do feedback construtivo no desenvolvimento de habilidades geográficas dos estudantes e na melhoria das práticas pedagógicas.

A IMPORTÂNCIA DA AUTOAVALIAÇÃO COMO UM MEIO DE ENGAJAMENTO ATIVO DOS ALUNOS EM SUA PRÓPRIA APRENDIZAGEM

A autoavaliação tem se revelado não apenas como uma estratégia avaliativa, mas como um poderoso instrumento de engajamento dos alunos em seu próprio processo de aprendizagem. Assim, esta seção visa explorar a relevância e o impacto da autoavaliação como uma ferramenta que não somente avalia o desempenho, mas também estimula o engajamento ativo dos estudantes em suas trajetórias educacionais.

Enfatiza-se a autoavaliação como um componente essencial da avaliação formativa, promovendo um ciclo contínuo de reflexão e aprimoramento do aprendizado. Destaca-se seu papel na identificação de lacunas de conhecimento, no desenvolvimento de metacognição e na promoção de uma aprendizagem mais autônoma.

Aborda-se a autoavaliação como uma oportunidade para os alunos assumirem um papel ativo em sua própria aprendizagem, encorajando a autorregulação e o desenvolvimento da responsabilidade sobre o próprio progresso acadêmico. Sobre a importância da autoavaliação na escola, Carvalho e Folgado (2017) refletem que:

Assumindo tensões, conflitos e ambiguidades, uma tendência ideológica mais progressista advoga a favor de uma autoavaliação de escola assente no pressuposto de que este processo pode ser um exercício da democracia participativa e um espaço de confronto de diferentes racionalidades, do qual resultarão as soluções negociadas sobre aquilo que a escola deverá fazer em



prol do seu desenvolvimento e da sua melhoria, reclamando mais envolvimento e responsabilidade de toda a comunidade, bem como o compromisso dos diferentes atores e a partilha de valores e de objetivos comuns, sustentando a prestação de contas em valores essenciais como a justiça, a transparência, o direito à informação, a participação e a cidadania (CARVALHO; FOLGADO, 2017, p. 85).

Explora-se o poder do feedback autorreflexivo e construtivo que a autoavaliação proporciona aos alunos. Destaca-se sua capacidade de promover a autorreflexão crítica sobre o próprio desempenho, estimulando estratégias de superação de dificuldades e ampliação de habilidades.

Frente a isso, Sá (2009) argumenta que:

As razões deste (súbito) interesse pelas questões da avaliação educacional em geral, e da avaliação institucional em particular, organizam-se em torno de uma pluralidade de eixos estruturadores filiados em lógicas e racionalidades em tensão, uns mais vinculados às preocupações com o controlo, outros mais sintonzados com uma agenda emancipatória (SÁ, 2009, p. 87).

Evidencia-se a conexão entre a autoavaliação e o aumento do engajamento dos alunos em sua aprendizagem. Ao se tornarem protagonistas do processo avaliativo, os estudantes tendem a se sentir mais motivados intrinsecamente para o aprendizado, buscando constantemente o aprimoramento pessoal, a fim de promover nos estudantes “[...] um empowerment consubstanciado na responsabilização do seu próprio papel na organização” (SOARES; CARVALHO, 2015, p. 130).

Discute-se os desafios enfrentados na implementação efetiva da autoavaliação, como a necessidade de um ambiente de confiança e o desenvolvimento de competências metacognitivas. Ao mesmo tempo, são destacadas as potencialidades transformadoras da autoavaliação no contexto educacional, pois “[...] é indispensável participação indagadora e refletida” (CARVALHO, 2009, p. 445).

Portanto, deve-se destacar a importância da autoavaliação como um instrumento fundamental não apenas na avaliação do desempenho dos alunos, mas também como um meio de estimular seu engajamento ativo, promovendo a autonomia, a autorreflexão e a responsabilidade em sua própria aprendizagem.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao explorarmos a intersecção entre os conhecimentos geográficos, a avaliação, a autoavaliação e os princípios estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), torna-se evidente que a avaliação assume um papel preponderante na consolidação e aprimoramento dos saberes geográficos dos estudantes.

A BNCC, como guia fundamental para a estruturação curricular, oferece diretrizes essenciais para o ensino de Geografia, destacando a importância da contextualização, interdisciplinaridade e formação de cidadãos críticos e atuantes. Nesse contexto, a avaliação, quando adotada como uma prática formativa, contínua e inclusiva, se torna um elo essencial para a consolidação desses preceitos.

A integração de práticas avaliativas diversificadas, que contemplam desde os métodos tradicionais até formas mais participativas e reflexivas, torna-se um caminho para estimular a autonomia dos estudantes, promover a reflexão crítica sobre as relações socioespaciais e ampliar o engajamento ativo em sua própria aprendizagem.

A autoavaliação, enquanto ferramenta pedagógica, assume um papel transformador ao empoderar os estudantes na avaliação do próprio desempenho e na reflexão sobre estratégias de aprendizagem, alinhando-se aos objetivos formativos da BNCC. Ao adotar uma postura reflexiva e autocrítica, os alunos se tornam protagonistas do processo avaliativo, estabelecendo uma relação mais significativa com os conhecimentos geográficos.

Entretanto, para alcançar o pleno potencial da avaliação na consolidação dos saberes geográficos preconizados pela BNCC, é essencial superar desafios. Isso inclui a formação docente, a adaptação de metodologias avaliativas inovadoras e a criação de um ambiente propício à autoavaliação e à reflexão crítica.

Em suma, a avaliação nas aulas de Geografia, quando alinhada aos princípios da BNCC e explorada de maneira contextualizada e inclusiva, não apenas verifica o aprendizado, mas se transforma em uma ferramenta para o



desenvolvimento integral dos estudantes, construindo cidadãos conscientes, críticos e engajados com a compreensão e transformação do mundo em que vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, José Maria, et al. **Avaliação das escolas**: fundamentar modelos e operacionalizar processos. Avaliação das escolas, modelos e processos, 2007, p. 14-99.

ANDRÉ, Marli. A avaliação da escola e a avaliação na escola. **Cadernos de pesquisa**, 1990, no 74, p. 68-70.

ESTEBAN, Maria Teresa; GARCIA, Regina Leite; BARRIGA, Ángel Díaz. **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. De Petrus, 2022.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Educação é a Base. Brasília: MEC, 2018. CAVALCANTI, Lana de Souza (org). **Temas da Geografia na escola básica**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

CARVALHO, Maria João; FOLGADO, Cristina. A autoavaliação na construção da escola democrática. **Revista Lusófona de Educação**, 2017, no 35, p. 83-99.

CARVALHO, Maria João de. Paulo Freire: a construção da escola democrática a partir da decisão. **RBPAE** – v.25, n.3, p. 441-454, set./dez. 2009.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2013. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org). Para onde vai o ensino de Geografia? São Paulo: Contexto, 2012.

SÁ, V. A (auto)avaliação das escolas: "virtudes" e "efeitos colaterais". **Ensaio: aval.pol.públ.Educ**. 2009, vol.17, n.62, pp. 87-108, 2009.